

Dinamarquês

Inglês

Francês

Italiano

Português

CSJOURNAL

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

Maio - Junho • Ano 2026 - n. 3



CONSELHO GERAL

“PRESERVAR ROSTOS E VOZES HUMANAS” NA COMUNICAÇÃO

Ir^{ma} Celine Kalathoor, CSJ

Conselho Geral



No primeiro capítulo de Gênesis, encontramos um Deus que inicia o processo criativo proferindo palavras tão poderosas como “Haja luz!”. A criação responde apropriadamente: “e houve luz”. A relação fundamental entre Deus e a criação é de comunicação. Deus fala e a

criação responde. Quando a humanidade não escuta atentamente ou não responde apropriadamente à palavra de Deus, ela deixa de estar em uma relação correta com Deus. É da nossa própria natureza escutar a palavra de Deus e responder.

Deus é comunhão,

SUMÁRIO

GONSELHO GERAL

“Preservar rostos e vozes humanas” na comunicação

CAPA

JPIC

Conselho Geral: Aldeia pela Terra (Villaggio per la Terra), o sonho que coloca em ação o futuro

3

Novas Santas

4

IFC

Tanmaya: A economia com rosto humano

5

CIC

Paquistão: Preservando vozes e rostos humanos: comunicação autêntica na era digital

7

PROVÍNCIA/REGIÃO/MISSÃO

Bolívia: Abusos de Poder e Consciência: Manifestações, Causas e Caminhos para a Transformação

9

Dinamarca: Vivemos como fermento de unidade no mundo

11

Nagpur: Duas Peregrinas Escrevem a Partir do Coração do Nosso Carisma

13

Irlanda: O ministério continua na região irlandesa

15



compartilhando-se conosco e nos permitindo entrar em comunhão uns com os outros. A comunicação está no cerne da relação da humanidade com o Criador. Ela também é essencial dentro da família humana para que possamos viver uns com os outros como irmãos e irmãs, filhos do mesmo Deus. É um dos meios mais importantes de reconciliação e de viver em harmonia. O diálogo e a escuta atenta nos aproximam de Deus e uns dos outros e nos permitem construir relacionamentos corretos, vivendo em paz e unidade uns com os outros e com Deus.

A família CSJ foi fundada para levar as pessoas à comunhão com Deus e umas com as outras. Nosso carisma de comunhão, por sua própria natureza, nos confia

a missão da comunicação. “Enraizadas no amor pelos Mistérios da Trindade, da Encarnação e da Eucaristia, temos como propósito realizar a união total de nós mesmas e dos outros com Deus e uns com os outros.” (Constituições p. 3) A comunicação é um dos caminhos essenciais pelos quais crescemos nessa união.

“Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gn 1,27) Nossa semelhança com Deus torna possível a conversa com Deus, enquanto a criação do homem e da mulher coloca cada pessoa humana, desde o princípio, em uma relação de diálogo com os outros.

Em nossa era dominada pela inteligência artificial, o Papa Leão XIV nos lembra de

manter a pessoa humana no centro de toda comunicação, pois nossos rostos e vozes são expressões sagradas e únicas da imagem e semelhança de Deus. Nossa relação com os outros constitui o cerne do que significa ser humano. Nada pode substituir a alma da comunicação ou a riqueza da interação com pessoas reais. Sem acolher o outro, não pode haver relacionamento nem amizade. Lembremo-nos de que somos chamados a usar nossos rostos e vozes “para proclamar o Evangelho e trabalhar pelo desenvolvimento integral de cada pessoa, para que cada uma realize sua dignidade como pessoa amada por Deus” (Constituições p. 6).

ALDEIA PELA TERRA (VILLAGGGGIO PER LA TERRA), O SONHO QUE COLOCA EM AÇÃO O FUTURO

Ir^{ma} Maria Cristina Gavazzi, CSJ

Conselho Geral



“**A** Sustentabilidade ambiental e o cuidado com a criação são compromissos indispensáveis para a sobrevivência do gênero humano”: foi assim que o Papa Leão XIV recordou, em setembro de 2025, que a crise ambiental é também uma questão espiritual e social.

É nessa perspectiva que Roma acolheu, de 16 a 19 de abril, a décima primeira edição da Vila pela Terra (Villaggio per la Terra), coração das celebrações italianas do Dia Mundial da Terra. Promovido pelo Dia da Terra Italia e pelo Movimento dos Focolares, o Villaggio apresentou um



programa que conta com mais de 600 eventos gratuitos e o envolvimento de cerca 250 organizações.

O fio condutor da edição de 2026 está no slogan “Voltemos a sonhar”. Não uma fuga da realidade, mas uma tomada de consciência. Pierluigi Sassi, presidente do Dia da Terra Itália, enfatiza que o sonho representa um espaço fundamental para imaginar o futuro, hoje muitas vezes sufocado pela lógica da produção. O convite, dirigido especialmente aos jovens, é o de recuperar a capacidade de sonhar para construir o futuro que realmente desejam, libertando-se de modelos impostos e retornando a um projeto compartilhado.

No centro da edição de 2026, está, portanto, o desejo de tornar protagonistas as novas

gerações. Cerca de 150 jovens de diferentes países europeus estarão envolvidos na redação do “Manifesto dos Sonhos”, um documento que reunirá visões e propostas para o futuro, a serem levados para organizações internacionais dedicados ao clima. Os sonhos dos jovens, na verdade, estão entrelaçados com os das gerações anteriores, dando continuidade a um caminho de desenvolvimento civil que não pode ser ignorado. Num contexto marcado por tensões geopolíticas e pela crise global, o Villaggio per la Terra se propõe, desta forma, ser um lugar de resistência cultural e civil. Uma oportunidade de reafirmar que os progressos construídos nas últimas décadas – pelas instituições internacionais de cooperação entre os povos – não são

uma ilusão, mas patrimônios para serem preservados e relançados.

Entre esporte, ciência e cultura, além de trinta “matérias” práticas, o Villaggio da biodiversidade cuidado pelos Guardas Florestais, a Avenida das Ciências e as 17 praças dedicadas aos Objetivos da Agenda 2030, o Villaggio per la Terra se configurou como uma grande experiência educativa e participativa, aberta a todos. “Devemos rezar pela conversão de tantas pessoas, dentro e fora da Igreja, que ainda não reconhecem a urgência de cuidar da casa comum”, afirmou o Papa Leão XIV no Borgo Laudato Si’ em Castel Gandolfo. Um apelo que encontra no Villaggio per la Terra uma tradução concreta, entre empenho, realização e esperança.

NOVAS SANTAS

Ir ^a Simona Borgogno	88	Itália	04.05.2026
Ir ^a Mary de Lourdes Perincherril	90	Pachmarhi	04.05.2026
Ir ^a Anne Brown	83	Estados Unidos	09.05.2026
Ir ^a Christa Schwindeler	85	Noruega	19.05.2026
Ir ^a Benjamina Caldart	103	Brasil	11.06.2026
Ir ^a Zenaide dal Pozzo	90	Brasil	12.06.2026

A ECONOMIA COM ROSTO HUMANO

Ir^a Laveena D'Souza, CSJ

Tanmaya/Índia



Em 16 de maio de 2026, o Papa Leão XIV recebeu em audiência no Vaticano os líderes e funcionários de diversas instituições bancárias italianas. O que ele lhes ofereceu não foi uma apresentação técnica sobre finanças, nem uma mensagem limitada ao setor bancário. Foi uma profunda reflexão sobre o cerne moral da economia — um convite ao mundo para redescobrir as finanças como uma relação humana, e não como um sistema mecânico. Suas palavras simples, porém abrangentes, falaram a todas as sociedades que buscam construir um futuro mais justo e compassivo.

O Papa Leão começou com uma verdade que é

ao mesmo tempo antiga e urgentemente necessária hoje: as finanças existem para as pessoas. A pessoa humana, disse ele, é o primeiro e mais essencial “capital”. Essa afirmação desafia uma cultura global que muitas vezes trata os sistemas econômicos como forças impessoais, em vez de criações humanas. O Papa lembrou como os primeiros bancos e cooperativas de crédito italianos nasceram da coragem, da criatividade e do desejo de elevar as comunidades locais. Seus fundadores entenderam que poupar e investir não eram meramente operações técnicas, mas escolhas morais — escolhas capazes de moldar o bem comum e influenciar gerações.

Hoje, porém, o cenário econômico mudou. Algoritmos, sistemas automatizados e plataformas digitais orientam cada vez mais as decisões financeiras. Embora essas ferramentas possam melhorar a eficiência, o Papa Leão XIV alertou que elas não podem substituir a compaixão, a escuta ou o julgamento ético. “Não é o capital que entra primeiro em um banco, mas as pessoas”, lembrou ele à sua audiência. Por trás de cada transação, existem histórias — famílias se esforçando, indivíduos com esperança, comunidades sonhando. Ninguém jamais deveria se sentir reduzido a um número em uma tela.

O Papa foi além, insistindo que as instituições



Crédito da foto – Vatican News

financeiras fazem mais do que administrar dinheiro — elas moldam a cultura. Suas decisões influenciam como as sociedades definem o sucesso, o que valorizam e a quem priorizam. Quando o lucro se torna a única bússola, a sociedade perde sua direção moral. Mas quando as instituições agem com honestidade, inteligência e caridade, elas fortalecem as comunidades e constroem confiança. A caridade, enfatizou ele, não é uma virtude opcional, mas a raiz profunda que permite que as instituições cresçam de forma saudável e duradoura.

Para as Irmãs de São José, esta mensagem ressoa

profundamente. Nossa Constituição nos chama a “cuidar do próximo sem distinção” e a defender a dignidade de cada pessoa. A insistência do Papa Leão XIV de que as finanças devem servir à humanidade reflete nosso próprio compromisso de colocar a pessoa — especialmente os vulneráveis — no centro de cada decisão. Nosso Manual de Procedimentos Econômicos nos lembra de que nossa vida econômica não é meramente administrativa, mas profundamente espiritual. Ele nos exorta a valorizar cada membro, usar os recursos de forma responsável, com transparência e solidariedade,

e tratar os bens como dons que nos foram confiados para a missão.

A mensagem do Papa Leão XIV vai muito além das comunidades religiosas ou das instituições financeiras. É um chamado a todas as nações, todas as organizações, todas as famílias e todos os indivíduos. Convida-nos a refletir sobre como usamos os recursos, como tomamos decisões e como construímos relacionamentos. Desafia-nos a imaginar uma economia onde a eficiência nunca ofusque a empatia, onde os recursos sirvam à comunhão e onde cada escolha reflita nossos valores mais profundos.

PRESERVANDO VOZES E ROSTOS HUMANOS: COMUNICAÇÃO AUTÊNTICA NA ERA DIGITAL

Ir^a Sumaira, CSJ

Paquistão



O rápido avanço da tecnologia transformou a maneira como as pessoas se comunicam, se conectam e compartilham suas vidas. Mídias digitais, plataformas de redes sociais e inteligência artificial abriram novas possibilidades de interação. No entanto, em meio a esses notáveis desenvolvimentos, uma questão importante permanece: como podemos preservar a dignidade, a singularidade e a humanidade de cada pessoa em um mundo cada vez mais digital? Essa questão foi o cerne da Reunião de Pessoas de Contato da CIC, realizada online em 18 de abril de 2026.

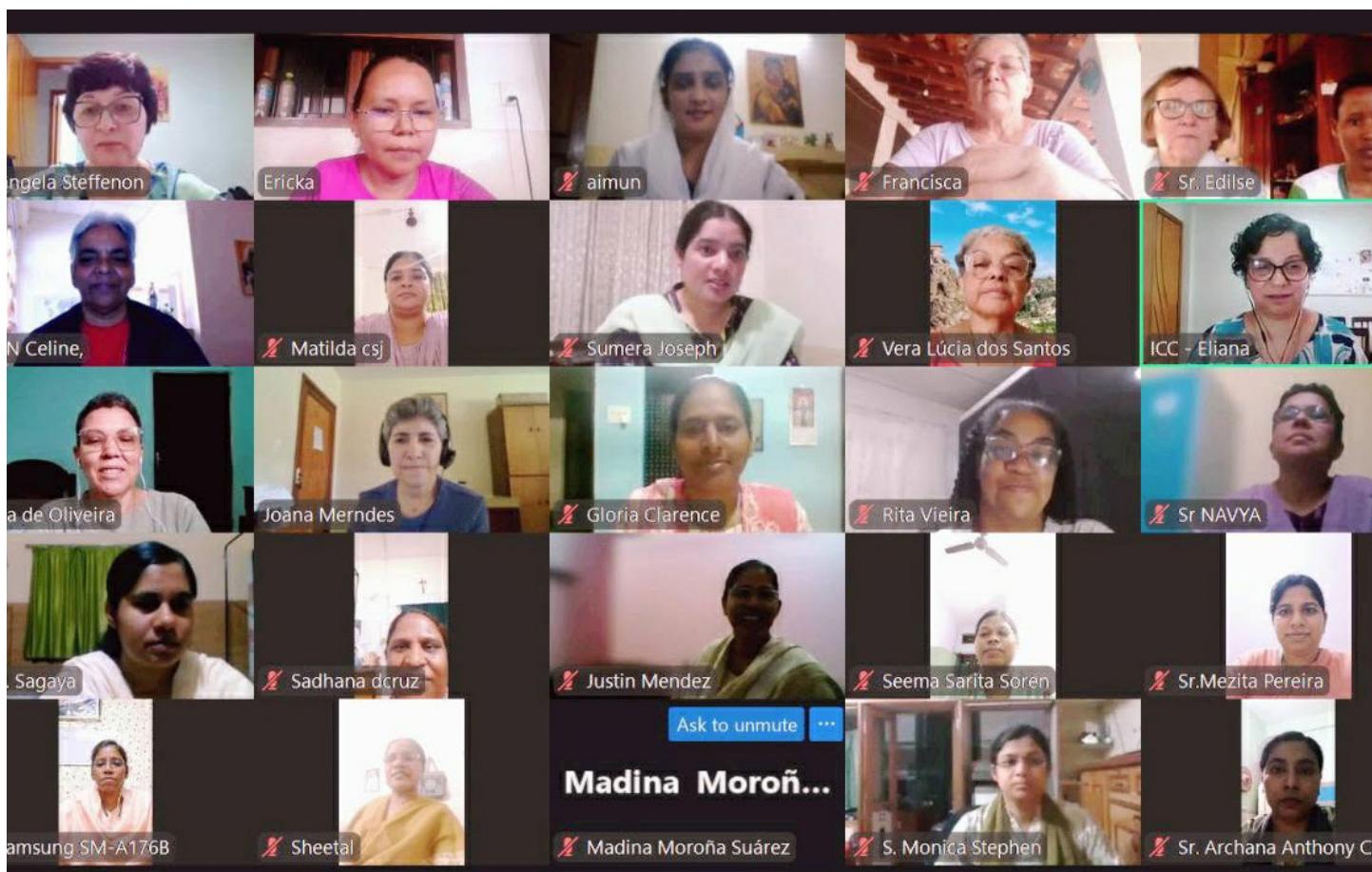
O encontro começou com uma celebração de

oração preparada e conduzida pela Irmã Navya. Através das escrituras, da reflexão e da oração, os participantes foram lembrados de que a comunicação é um dom sagrado confiado à humanidade por Deus. A comunicação tem o poder de construir pontes, nutrir a compreensão e revelar a presença de Cristo entre as pessoas.

Em sua saudação, a Irmã Celine enfatizou a importância da unidade entre os comunicadores. Ela destacou que cada comunicador dentro da Congregação é chamado não apenas a compartilhar informações, mas também a promover a conexão, a compreensão e a esperança.

Sivonei Jose, do Vatican

News, proferiu a palestra principal. Inspirando-se na visão do Papa Leão XIV, ele refletiu sobre as oportunidades e os desafios apresentados pelas tecnologias de comunicação contemporâneas. Uma das principais ideias compartilhadas durante a sessão foi a necessidade de colocar a pessoa humana no centro de toda comunicação. Embora a tecnologia tenha se tornado uma ferramenta essencial na vida diária, ela jamais deve substituir os encontros humanos genuínos. Por trás de cada perfil, imagem, mensagem ou interação digital, existe uma pessoa única, criada à imagem e semelhança de Deus. Cada voz humana carrega uma história, e cada rosto reflete dignidade,



valor e identidade.

Num mundo frequentemente dominado pela velocidade e eficiência, os comunicadores são convidados a desacelerar e redescobrir a importância da escuta. A comunicação autêntica começa não com a fala, mas com a escuta — escutar com compaixão, atenção e respeito. É através da escuta que os relacionamentos são fortalecidos, as comunidades são construídas e as pessoas se sentem reconhecidas e valorizadas.

A apresentação também abordou a crescente influência da inteligência artificial e das mídias digitais. Embora essas inovações ofereçam oportunidades extraordinárias

para a evangelização, a educação e a conectividade global, elas devem sempre permanecer ferramentas a serviço da humanidade. A tecnologia deve aprimorar os relacionamentos humanos, em vez de enfraquecê-los.

Para os comunicadores religiosos, esse desafio tem um significado especial. O ministério da comunicação está enraizado no próprio Evangelho. Jesus comunicava-se não apenas por meio de palavras, mas também por meio da presença, da compaixão e de encontros pessoais. Ele ouvia os marginalizados, acolhia os excluídos e restaurava a dignidade daqueles cujas vozes haviam sido silenciadas. Seu

exemplo continua a inspirar comunicadores hoje.

A sessão incentivou os participantes a se tornarem testemunhas de esperança no mundo digital.

Ao término do encontro, houve uma renovada consciência de que a comunicação é muito mais do que uma tarefa profissional; é um ministério de presença e encontro.

Na era digital atual, preservar vozes e rostos humanos não é simplesmente uma estratégia de comunicação — é uma missão. É um compromisso de garantir que cada pessoa seja vista, ouvida, respeitada e valorizada.

ABUSOS DE PODER E CONSCIÊNCIA: MANIFESTAÇÕES, CAUSAS E CAMINHOS PARA A TRANSFORMAÇÃO

Ir^a Antonia Constantina Mandro,

Bolívia



O exercício do poder e a orientação da consciência são realidades inerentes a todas as relações humanas e, em particular, às esferas da Vida Religiosa e eclesial. Historicamente, a questão dos abusos de poder e da consciência muitas vezes permaneceu em silêncio ou foi tratada com grande reserva. Contudo, a reflexão contemporânea convida-nos a abordar esta questão com honestidade, a identificar as suas causas, a reconhecer as suas consequências

e a propor caminhos de prevenção e cura.

Em primeiro lugar, é necessário compreender que o poder não é em si algo negativo: define-se como a capacidade de influenciar as decisões, as atitudes e os comportamentos de outras pessoas. O abuso de poder surge quando essa capacidade é usada de forma desproporcional, sem respeito pela dignidade, liberdade e direitos daqueles que ocupam posição de menor influência. Por sua vez, o abuso de consciência ocorre quando

há interferência indevida na esfera íntima, espiritual e moral de uma pessoa, guiando seus julgamentos, decisões e discernimento a partir de uma posição de superioridade. Diferentemente de outras formas de abuso, essas duas modalidades tendem a ser menos visíveis e, em muitos casos, não são abordadas explicitamente em normas eclesiais ou códigos legais. Contudo, isso não diminui sua gravidade: pelo contrário, à medida que se normalizam na vida cotidiana, podem passar despercebidas

por muito tempo e causar danos profundos e duradouros.

Diversos fatores contribuem para que essas dinâmicas se enraízem nos relacionamentos. Em ambientes formativos — como seminários ou casas de formação religiosa — as formas de se relacionar são frequentemente aprendidas por meio da repetição, do costume ou da tradição, sem uma avaliação crítica constante. Assim, comportamentos que reforçam a assimetria entre aqueles que detêm a autoridade e aqueles em processo de crescimento se normalizam. Isso pode levar ao fomento da obediência cega, não deixando espaço para o diálogo, a dúvida construtiva ou o discernimento pessoal.

Além disso, existe uma cultura que por vezes assume que o exercício do poder é um privilégio inerente à posição ou função, deixando de reconhecer sua dimensão de serviço. Como salientou o Papa Francisco, todos somos suscetíveis à tentação de usar o poder para benefício próprio, num contexto social que muitas vezes tolera a manipulação e gera indiferença às desigualdades relacionais. Essa realidade significa que o que começa como uma



relação de orientação ou acompanhamento pode gradualmente se transformar numa dinâmica de dominação.

O impacto desses abusos afeta tanto o indivíduo que os sofre — prejudicando sua autoestima, liberdade, autoconfiança — quanto a instituição, enfraquecendo sua credibilidade e sua capacidade de viver os valores que proclama. Em resposta, não basta punir casos específicos: é necessária uma conversão de mentalidades e estruturas.

As comunidades são chamadas a se perguntarem constantemente: Avaliamos criticamente como exercemos nossa influência? Somos

capazes de acompanhar sem impor critérios ou decisões? Somente por meio da revisão contínua, da transparência e da priorização do bem-estar dos indivíduos é possível prevenir esses abusos e construir relações saudáveis e curativas.

Os abusos de poder e de consciência não são isolados nem inevitáveis: são dinâmicas que brotam de estruturas culturais e relacionais que podem ser transformadas. Torná-los visíveis, compreender suas causas e agir a partir da verdade e do respeito pela dignidade humana é uma responsabilidade compartilhada.

VIVEMOS COMO FERMENTO DE UNIDADE NO MUNDO

Ir^a Gisela Heitz, CSJ

Dinamarca



“Quando quatro Irmãs Francesas de São José, perdidas em meio à crise, chegaram ao cais de Copenhague no Pentecostes de 1856, trouxeram uma nova primavera para a Igreja Católica na Dinamarca. E não apenas para a Igreja, mas para inúmeras pessoas necessitadas. O que lhes faltava em recursos financeiros, sobrava em coragem e mãos acolhedoras. Elas escreveram um novo capítulo no bom livro da caridade. Que possamos continuar a escrevê-lo, inspirados pelo Espírito de Pentecostes”.

Esta é uma das intercessões da celebração de oração realizada em 11 de maio de 2026, quando comemoramos os 170 anos de presença das Irmãs de São José (CSJ) no norte da Europa: primeiro na Dinamarca (1856),

seguida pela Suécia (1862), Noruega (1865) e, mais tarde, Islândia (1896). Em sua saudação, Irmã Susanne Hoyos, coordenadora regional, disse às “incontáveis pessoas” reunidas na antiga igreja-mãe em Copenhague que as Irmãs na Dinamarca fazem seus votos nesta igreja desde 1905. Convidadas muito queridas vieram de Roma

— todo o Conselho Geral estava presente — e da nossa província vizinha na Noruega, as Irmãs Marit Brinkmann e Lucia Thi My estavam conosco. Outra grande alegria para nós foi a presença de dois bispos: o bispo luterano da Diocese de Copenhague, Peter Skov-Jakobsen, e o bispo católico da Diocese de Copenhague, Czeslaw Kozon.



Irmã Dolores Lahr oferece a bênção papal à Irmã Susanne Hoyos

Juntamente com membros associados, colaboradores e colegas, Irmãs de outras congregações, padres e muitos amigos, vivenciamos a unidade que nós, como Irmãs de São José, nos comprometemos a promover.

A cerimônia começou com uma procissão na qual seis símbolos foram levados para dentro da igreja. O primeiro símbolo foram as nossas Constituições, que a nossa Superiora Geral, Irmã Dolores Lahr, apresentou à congregação e colocou em um local especialmente preparado. As palavras lidas em voz alta pela Irmã Dolores tiveram um impacto poderoso: “Nossa escolha de serviços e compromissos profissionais é guiada pela nossa preocupação em proclamar o Evangelho e trabalhar pelo desenvolvimento integral de cada pessoa, para que cada uma possa realizar a sua dignidade como pessoa amada por Deus”. Uma imagem das quatro primeiras Irmãs foi colocada em frente à Constituição, e os nomes das Irmãs foram lidos em voz alta: Irmã Ana Teresa Parent, Irmã Maria Estefânia Françoiz, Irmã Maria Plácia Dijoud, Irmã Ana Sofia Vassal. Essas quatro mulheres corajosas realmente ganharam vida entre nós.

Representantes das antigas escolas e hospitais carregaram estandartes ao



Irmã Marianne Bode lê os nomes das primeiras 4 Irmãs

lado de nossos membros associados/ LLPPs. A procissão terminou com a apresentação de um pão e um copo de fermento — um símbolo da parábola do Evangelho de Mateus (13,33): “O reino dos céus é como o fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até que toda a massa ficasse fermentada”. Em sua reflexão sobre este Evangelho, a Irmã Gisela Heitz destacou as características essenciais do “fermento da unidade”: o desejo de comunidade, a disposição para dialogar com respeito e empatia e para ouvir, a vontade de viver a reconciliação e o perdão, a disposição para ser inclusivo e o desejo e a aceitação da diversidade. A reflexão observou que o Papa Leão

XIV, em sua homilia inaugural, disse: “Gostaria que nosso primeiro grande desejo fosse que nós... fôssemos um sinal de unidade e comunhão que se tornasse fermento para um mundo reconciliado”.

Os dois bispos presentes abençoaram a congregação em uníssono, citando o Livro de Números: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te conceda graça; o Senhor volte para ti o seu rosto e te dê paz”.

A cerimônia de oração foi seguida por uma recepção onde tivemos o prazer de conhecer uma grande variedade de pessoas enquanto desfrutávamos de um delicioso bufê – uma verdadeira experiência de união.

DUAS PEREGRINAS ESCREVEM A PARTIR DO CORAÇÃO DO NOSSO CARISMA

Ir^a Mezita e Ir^a Deanne, CSJ

Nagpur/Índia



Éramos quinze Irmãs. Sete congregações. Cinco continentes. Um carisma. Durante uma semana em Le Puy-en-Velay, berço das Irmãs de São José, reunimo-nos para Raízes e Asas, uma peregrinação internacional à origem de quem somos. Não viemos como turistas. Viemos como peregrinas: viajando leves, permanecendo vulneráveis, dispostas a sermos transformadas. E assim fomos.

Não esperamos que um lugar nos fale. Mas Le Puy falou. Antes mesmo de conhecermos sua história, tornou-se, nesta jornada, um Lugar Sagrado. Caminhamos pelas ruas de pedra onde nossas primeiras Irmãs caminharam, estivemos na primeira cozinha onde se reuniram, ajoelhamos em Notre-Dame e na Catedral, e fizemos uma pausa sob a árvore das Mártires. Cada lugar nos ofereceu algo que não conseguíamos nomear, mas que podíamos sentir: antigo, vivo e

nos pedindo algo. Sua paixão ardente agora vive em nós! Daí a frase que não nos abandonou durante toda a semana: Mulheres de rocha e fogo. Nossas fundadoras eram firmes como a pedra sob seus pés e ardiam com o amor de Deus. Nas oficinas de renda, vimos uma artesã tecer com mãos lentas e pacientes, cada fio colocado com cuidado deliberado. Essa imagem ficou gravada em nossa memória. Nosso carisma não se constrói em momentos de glória. Ele se tece, fio a fio, através do amor fiel e diário.

Chegamos como estranhas. Partimos como companheiras. Algo aconteceu no espaço entre nossas conversas, nos silêncios compartilhados, nas orações oferecidas em francês e inglês. Quando recriamos a cena da primeira cozinha, entendemos algo que só sabíamos intelectualmente: o carisma da unidade não é uma ideia. Ele nasceu exatamente assim:

pessoas reunidas, partindo o pão, acolhendo as diferenças umas das outras como um dom de reverência.

Nossa diversidade não era um obstáculo à comunhão. Era o seu próprio meio. Começamos, como a primeira comunidade, a cantar um novo hino — não em uníssono, mas em harmonia.

“A comunhão não é criada pela semelhança. Ela nasce quando as diferenças são acolhidas com reverência”.

Um dos dons mais libertadores da semana foi compreender, verdadeiramente, a diferença entre carisma, missão e ministério. Carisma é o dom do amor unificador dado aos nossos fundadores e transmitido a nós. Missão é o seu propósito: que todos sejam um. Ministério é a forma particular que ele assume. Do ministério, podemos um dia nos aposentar. Da missão, jamais.

O carisma não é um papel. Pertence à pessoa. Por amor, doamos a nós



Juntas no Centro Internacional

mesmos. Essa doação não tem aposentadoria.

A Carta Eucarística do Padre Médaille nos deu a imagem: pão simples, oferecido em todo lugar, a todos, a presença é a mesma. Viver a pobreza é carregar o amor contente, independentemente do quanto possuímos.

Castidade: ser portadores de amor livre, sem se apegar a ninguém possessivamente. Obediência: ter total confiança em Deus, indo aonde o amor exigir, sem o peso de nada além da união.

Não somos o início desta história. Estamos sobre os ombros de mulheres que disseram sim muito antes de nós, e sua coragem atravessa séculos para nos perguntar algo agora: Como levaremos este carisma a um mundo ferido? Como ampliaremos o círculo? Como nos tornaremos pontes onde há divisão?

A visão fundadora do Padre Médaille é uma dupla

união, com a Trindade Incriada do Pai, Filho e Espírito Santo, e com a Trindade Criada de Jesus, Maria e José. O objetivo não é a realização. Não é a produtividade, mas a União. E a “perfeição” da qual Jesus fala na montanha não significa ausência de falhas; significa inclusão total. Um amor como o de Deus, que deixa o sol nascer e a chuva cair sobre justos e injustos igualmente. É isso que somos chamados a nos tornar.

Há um retrato inicial da filha de São José que nos impactou: olhos abertos para um mundo ferido e amado, ouvidos atentos ao sofrimento, espírito que nunca se acomodou na complacência confortável e mangas arregaçadas. Sem excluir os humildes, os despercebidos, os difíceis. Em seu rosto: o brilho interior sereno de alguém cuja vida não foi perfeita, mas fiel.

Queremos ser essas mulheres. Em um mundo devastado pela guerra, pela polarização e por comunidades

fragmentadas, não somos apenas necessárias, somos urgentemente necessárias. Não por nossos programas ou nossos planos, mas por nosso ser: um sinal vivo de que a unidade é possível, de que o amor supera a divisão, de que o Deus que é comunhão ainda habita entre nós. Viemos a Le Puy como buscadoras. Partimos com fogo.

A essência deste carisma não reside no sucesso estrondoso ou na comunidade perfeita. Mas sim na vontade humilde, obstinada e guiada pelo Espírito de retornar, escolhendo a união em vez do ego, o amor em vez do cansaço, o chamado de Deus em vez do nosso próprio desânimo. Hoje, em meio à guerra e à agitação, não sejamos guiados pelo ego. Sejam atraídos pelo Amor.

Do centro, o círculo se expande. O sim das mulheres de Le Puy ainda dá vida ao nosso próprio sim. Ensemble pour un grand amour — Juntas por um grande amor. Tente Tovamente!

O MINISTÉRIO CONTINUA NA REGIÃO IRLANDESA

Ir^a Celine Duffy, CSJ

Irlanda



Muitas ordens religiosas na Irlanda foram fundadas em resposta a necessidades locais, como educação, saúde,

pobreza, luto, necessidades às quais o governo da época não respondia.

Na Irlanda de hoje, temos necessidades

semelhantes em muitas áreas: saúde, habitação, apoio financeiro para crianças, falta de emprego, integração de imigrantes, violência



Irmãs Eileen, Joan Margaret, Marian, Sarah e Celine na Missa no lar de idosos

doméstica, mudanças climáticas e isolamento.

Embora nós, Irmãs de São José de Chambéry, sejamos poucas em número, estamos respondendo a várias necessidades sempre que possível, conscientes de que nossa presença faz a diferença.

Somos uma Região com apenas cinco Irmãs: Irmã Marian Connor, Irmã Joan Margaret Kelly, Irmã Sarah Goss, Irmã Celine Duffy e Irmã Eileen Silke. Cada Irmã atua de diferentes maneiras no trabalho paroquial. Elas são ministras da Eucaristia, leitoras, participam e organizam a Lectio Divina. Algumas atuam no Ministério Funerário, auxiliando o padre durante o funeral e conduzindo as orações no sepultamento, além de trabalharem com grupos de apoio ao luto. As Irmãs

que atuam em lares de idosos encontram-se com os residentes e conversam com eles, leem na Missa e auxiliam como ministras da Eucaristia quando necessário. Outro ministério local das Irmãs é a catequese escolar. Em nível internacional, oferecemos ajuda online em inglês para qualquer Irmã que deseje utilizar este serviço.

Todas nós vivemos muito próximas umas das outras, por isso é fácil nos reunirmos regularmente para oração, reflexão e dias festivos, bem como em muitas outras ocasiões.

Ao refletirmos sobre os primórdios e o crescimento da região irlandesa/galesa, percebemos quão rica é a nossa herança. A região irlandesa/galesa foi originalmente formada pela união de Irmãs que haviam estado em missão em

outros países e outras que vieram prestar auxílio. Irmãs irlandesas que estiveram em missão na Índia, França e Noruega retornaram à Irlanda para estabelecer a missão irlandesa juntamente com algumas Irmãs dos EUA.

Nos últimos anos, muitas de nossas Irmãs foram em missão para outros países: Suécia, Libéria, Tanzânia, Paquistão e França. Por toda essa história, damos louvor e glória a Deus.

O poeta irlandês Brendan Kennelly, em seu poema COMEÇAR, resume onde parecemos estar atualmente em nossa jornada quando diz: “Algo que não reconhece a conclusão, insiste que sempre comecemos”. Ele nos lembra que precisamos atravessar a ponte do passado para o futuro, lidando com a solidão e a morte, sem desistir.

EDIÇÃO

Ir^a Barbara Bozak
Ir^a Eliana Aparecida dos Santos
Ir^a Leni Menegat

PROJETO GRÁFICO

Ir^a Laveena D'Souza

TRADUÇÕES

Anette Jensen
Ir^a Cristina Gavazzi
Ir^a Margherita Corsino
Ir^a Maria Elisabete Reis
Ir^a Marie-Josephe Chorot
Ir^a Preeti Hulas
Ir^a Ivani Maria Gandini

DISTRIBUIÇÃO

Monica Bianchini
www.csjchambéry.org

E - MAIL

icc@csjchambéry.org